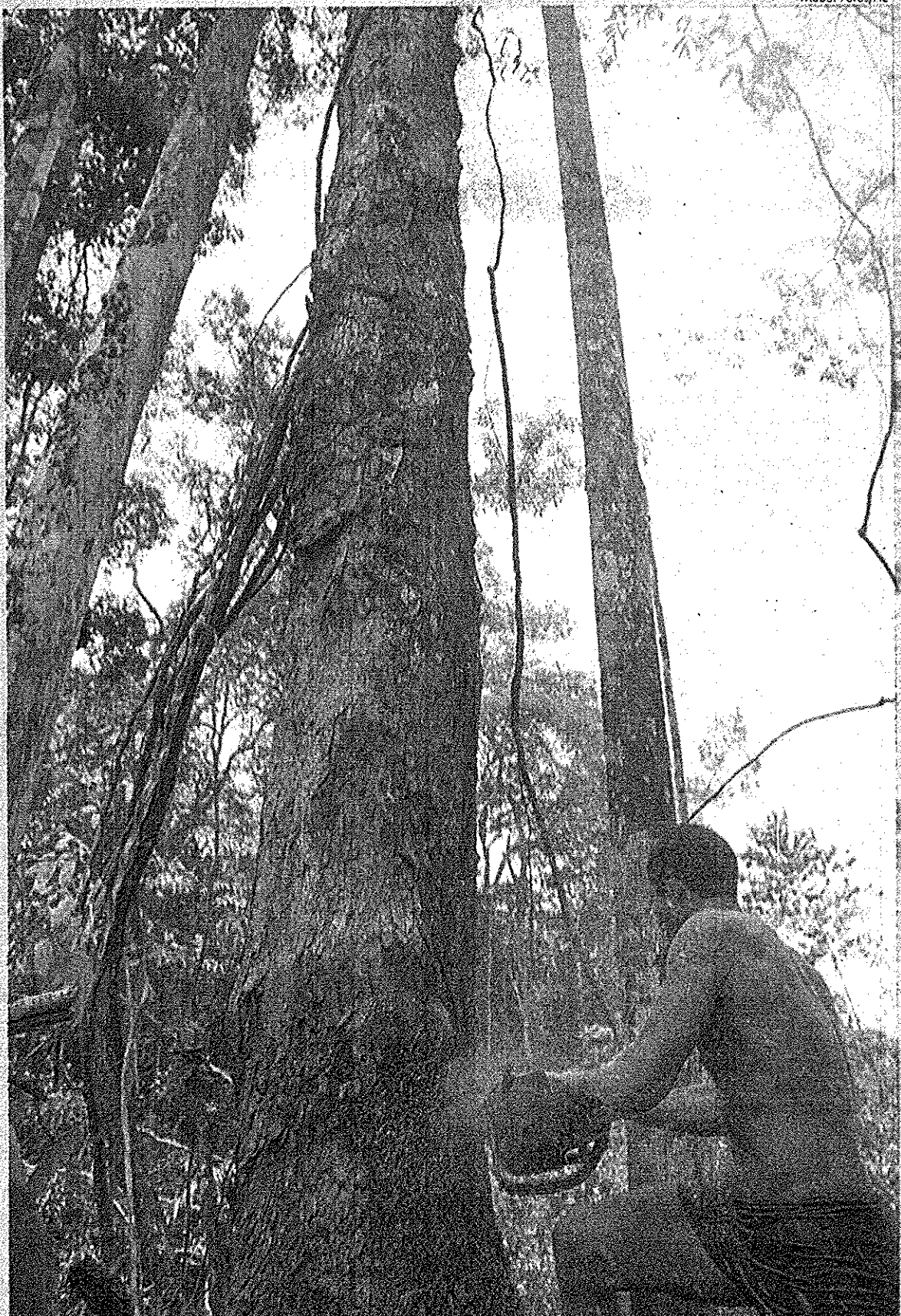


Mobel Feres/AE



Gileno José de Souza corta árvore para preparar terreno para o plantio, a 150 quilômetros de Manaus

QUEIMADA

Pequeno agricultor é parte do problema

Cassiano Ribeiro da Cunha, caboclo amazonense, não sabe que um grupo de homens engratados, que falam línguas diferentes, está tentando se entender, em Manaus, para salvar a floresta amazônica. Cassiano, 48 anos, três filhos, homem da terra, acostumado a trabalhar de sol-a-sol, também não sabe que ele é uma parte do problema. O que Cassiano pode fazer de mal? Está preparando uma queimada.

A queimada é eficiente na "limpeza" da mata. "Em uma hora, com vento bom, queima tudo", diz o caboclo. Tudo são os dois hectares e meio (25 mil metros quadrados) da área que ele ocupou, numa estrada de terra batida do Rio Preto da Eva, 150 quilômetros ao norte de Manaus. No momento, Cassiano está preparando a área para a queimada. Ele e seu amigo Gileno José de Souza, 34 anos, três filhos, operador de motosserra, estão cortando as árvores da floresta, para vender a madeira. As árvores pequenas, a galharia, o cipoal, tudo isto permanece na terra. O único meio de que

Cassiano dispõe para fazê-lo desaparecer e iniciar o plantio de roça é a queimada.

E ela tem dia marcado: "Tem de ser daqui para o dia 15, senão começam as chuvas e não dá para fazer mais nada." Fazer a queimada não dá muito trabalho: "Faço um melado com querosene em um pedaço de pau, acendo, e vou tocando fogo." O esqueleto da mata, seco, queima logo. O fogo é feito a favor do vento.

As queimadas clandestinas e sem critério são preocupação permanente dos técnicos envolvidos com o plano de conservação de florestas tropicais (PPG-7), patrocinado pelas nações mais ricas do mundo. Este ano, a própria cidade de Manaus foi seriamente afetada pela fumaça das queimadas, tal sua intensidade. Mas Cassiano tem um argumento forte a favor da parte que lhe cabe de culpa: "Se eu não limpar a terra e plantar uma lavoura, um feijão, uma mandioca, minha família não come."

A família está em Alenquer, no Pará, esperando. Em Alenquer, a lavoura e os serviços do campo "estão fracassados". Com dois dias de barco, pelo Rio Amazonas, Cassiano chegou a Manaus em abril para "caçar uma terrinha". Conseguiu seus 2,5 hectares em uma área ocupada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

(MST), no começo do ano.

Se nesta porção da floresta houvesse árvores nobres, como o mogno ou o cedro, sempre haveria interessados em comprá-las. Eles abateriam esse filé mignon florestal, fariam o transporte e pagariam razoavelmente bem. Mas o que há aqui é a piquiarana, bela, é verdade, com seus 80 centímetros de diâmetro e 25 metros de altura. Mas útil apenas para se fazer tábuas, embora boas, adequadas para a construção de casas. Ou a sucupira, excelente para construir móveis.

As tábuas, assim como paus de escora (para lajes), ripões etc., são feitos sem régua ou esquadros, "na mão", com a motosserra, no meio dos restos da mata. Cassiano e seu amigo Gileno ficam aborrecidos com o valor pago por suas madeiras, que um velho caminhão do MST leva a Manaus. "É uma mixaria, não dá para nada: o atravessador é quem ganha tudo."

Os dois homens vivem, no momento, em um barraco de lona. Se tem algum dinheiro, compram algum "de comer" em Rio Preto da Eva, a uns 35 quilômetros. Mas, no comum, é da mata que extraem o alimento. "Aqui tem bastante caça, tem anta, cateto, veado, paca; a gente se vira."

Valdir Sanches, enviado especial a Manaus